

A MULHER E O ACESSO AO ENSINO SUPERIOR AO LONGO DA HISTÓRIA

WOMEN AND ACCESS TO HIGHER EDUCATION THROUGHOUT HISTORY

Daniele Lopes Oliveira¹⁶

Resumo: A educação da mulher é algo recente na história, embora a educação de alguma forma tenha sempre existido. A mulher não pôde inicialmente participar dela de forma institucionalizada. Grande parte das mulheres eram analfabetas, e somente as mulheres nobres tinham acesso à educação. Contudo, elas não podiam frequentar as instituições ditas “escolares”. Na Grécia antiga já em 387 a.C. o filósofo grego *Platão* criou uma espécie de escolas onde se estudava filosofia e matemática, nos jardins de *Academos* em *Atenas*. Em 343 a.C., era comum que famílias mais ricas, pagassem um preceptor, um mestre com mais conhecimentos que guiasse as crianças nos estudos. *Aristóteles*, por exemplo, tornou-se preceptor de *Alexandre*, “O Grande”, rei macedônio. No séc. 4 a.C., surgem as primeiras “escolas”, que eram locais onde mestres ensinavam gramática, física, música, poesia, eloquência, mas não existiam salas de aula. Já em 859 surge a primeira Universidade de *Karueein* em *Fez*, no *Marrocos*, que existe ainda hoje, considerada a primeira universidade do mundo no sentido moderno do termo. Já na Europa medieval o conhecimento ficava restrito aos membros da Igreja e a poucos nobres. E como podemos notar, a mulher, estava excluída do mundo do conhecimento. Só uma pequena parcela da nobreza tinha acesso restrito ao conhecimento, já que não podia frequentar nenhum *lócus* de conhecimento.

Palavras-chave: Educação. Mulher. História.

Abstract: Women's education is something recent in history, although education somehow has always existed. The woman could not initially participate in it in an institutionalized way. Most women were illiterate, and only noble women had access to education. However, they could not attend the so-called “school” institutions. In ancient Greece as early as 387 BC. the Greek philosopher Plato created a kind of schools where philosophy and mathematics were studied, in the gardens of Academos in Athens. In 343 BC, it was common for richer families to pay a preceptor, a master with more knowledge to guide children in their studies. Aristotle, for example, became tutor to Alexander, “The Great”, Macedonian king. In the century 4 BC, the first “schools” appear, which were places where masters taught grammar, physics, music, poetry, eloquence, but there were no classrooms. Already in 859, the first University of Karueein appeared in Fez, Morocco, which still exists today, considered the first university in the world in the modern sense of the term. Already in medieval Europe, knowledge was restricted to members of the Church and a few nobles. And as we can see, the woman was excluded from the world of knowledge. Only a small portion of the nobility had restricted access to knowledge, since they could not attend any locus of knowledge.

¹⁶ Pós-Doutora em Educação, Doutora em Educação pela PUC Goiás na linha de Educação, Sociedade e Cultura. Mestre em Ecologia e Produção Sustentável com ênfase em Legislação Ambiental e Preservação do Cerrado Goiano por meio da Educação Ambiental pela PUC Goiás. Graduada em Direito pela PUC Goiás. Graduada em Pedagogia pelo Instituto Superior de Educação Albert Einstein. Especialista em Direito Civil e Processo Civil, Especialista em Direito do Trabalho e Processo do Trabalho e Especialista em Auditoria e Perícia Ambiental pela UNINTER. Especialista em Docência Superior pela Fac-Lions/GO. Estudiosa de Ciências Políticas e Direitos Humanos e Relações Internacionais.

Keywords: Education. Woman. History.

INTRODUÇÃO

A “inferioridade” da mulher na sociedade grega pode ser constatada, na obra de *Platão, A República*, em que, fica claro que a mulher deveria cultivar a descrição e a moderação e que deveriam estar afastadas das atividades masculinas, num primeiro plano no ambiente da casa e no segundo plano das atividades públicas.

Na obra *Política* de *Aristóteles* também fica patente que a mulher não dispunha da parte racional da alma, o *logos*. Assim na obra *aristotélica, Sófocles*, afirma que as mulheres por sua graça natural devem permanecer em silêncio. O que é por demais significativo de sua condição, pois, numa sociedade democrática e isonômica na política, calar a mulher e excluí-la da cidadania.

Assim, por muitos séculos a mulher foi excluída das atividades públicas e conseqüentemente das atividades relativas ao conhecimento. Mesmo na nobreza, as mulheres não tinham acesso à educação formal.

Em 859 surge a primeira Universidade de *Karueein* em *Fez*, no *Marrocos*, que existe ainda hoje, considerada a primeira universidade do mundo no sentido moderno do termo. Mas, a primeira mulher a receber um diploma universitário, foi *Elena Lucrezia Cornaro Piscopia*, uma filósofa veneziana de origem nobre, que se tornou professora de matemática na *Universidade de Padua* em 1678, muitos anos após o surgimento da primeira Universidade.

No Brasil, na década de 1540, são instaladas no Brasil as Santas Casas de Misericórdia, para educar órfãos e crianças abandonadas, com o intuito de coibir a vadiagem (ARANTES, 2010). Mas conforme, exposto, mesmo as mulheres da elite não tinham acesso à educação, e nos primeiros duzentos anos da História da Educação brasileira, a educação para mulheres era ofertada somente nos conventos.

No século XIX, de forma tímida inicia-se um projeto educativo voltado para as atividades domésticas eram os colégios destinados as mulheres, que somente as meninas que proviam de classe abastadas tinha acesso. A maior preocupação da escola era que as alunas aprendessem a se comportar na sociedade, a ênfase estava na música, artes, culinária, regras de etiqueta e boas maneiras (RIBEIRO, 2000).

Um caso, excepcional foi o de *Madalena Caramuru*, que no séc. XVI, foi a primeira mulher brasileira a saber ler e escrever. O casamento da índia *Caramuru* com o português *Afonso Rodrigues* teria marcado seu ingresso no mundo das letras. Em 1561, ela teria escrito uma carta ao bispo de Salvador pedindo que as crianças escravas fossem salvas dos maus-tratos. Ela representa uma notória exceção ao padrão da sociedade colonial, na qual as mulheres eram mantidas na ignorância (ARANHA, 2006).

Conforme Aranha (2006, p. 229), “[...] a criação da seção feminina na Escola Normal da Província, em 1875 [...]”, abriu a possibilidade das moças se profissionalizarem “na carreira do magistério [...]”. Em que as mulheres de alta posição letradas passaram a lecionar a instrução primária, que somente após a Reforma

Constitucional abriram as portas a população escolar feminina, tonando a educação acessível as mulheres (RIBEIRO, 2000).

Já o ingresso regular das mulheres nas universidades ocorreu primeiramente nos Estados Unidos no ano de 1837, “[...] com a criação de universidades exclusivas para as mulheres [...] no estado de *Ohio* que surge a primeira universidade feminina o *Women’s College* [...]” (BEZERRA, 2010, p. 3).

No Brasil, o acesso das mulheres ao ensino superior ocorreu somente no final do século XIX, no qual o, “[...] decreto imperial facultou à mulher a matrícula em curso superior em 1881. Todavia, era difícil vencer essa barreira, pois os estudos secundários eram essencialmente masculinos, além de caros e os cursos normais não habilitavam as mulheres para as faculdades [...]” (BELTRÃO e ALVES, 2009, p. 128).

Aranha (2006, p. 230), contudo, indicou que: “[...] a primeira mulher a se matricular na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro foi *Dona Ambrozina de Magalhães*, em 1881.

Bezerra (2010, p. 4), no entanto afirma que a: “[...] primeira mulher a ingressar e concluir o ensino superior foi Rita Lobato Velho Lopes, que ingressou na Universidade no Rio de Janeiro em 1884, mas só concluiu o curso de Medicina no estado da Bahia no ano de 1887, formando-se pela faculdade de medicina [...]”. Sendo a primeira a concluir o ensino superior o que era muito difícil.

Pois, não bastava só o direito ao acesso ao ensino superior, mas a garantia de iguais condições para dar continuidade aos estudos permitindo que a mulher conseguisse lograr o seu feito em concluir o curso superior.

Em um ambiente majoritariamente masculino, como era comum durante o período, três moças destoavam do todo: *Ermelinda Lopes de Vasconcelos*, *Antonietta César Dias* e *Rita Lobato*, contrariando as noções pré-estabelecidas de que a educação superior feminina estava condicionada ao magistério.

A Secretaria de Comunicação Social Centro Cultural Câmara dos Deputados (2018), em homenagem as grandes personagens femininas citam que *Myrthes de Campos* (1875-1965), formou-se na *Faculdade Livre de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro* em 1898 e, após muitos anos de luta, conseguiu o registro do diploma, sendo reconhecida oficialmente como a primeira advogada no Brasil. Myrthes destacou-se em sua primeira atuação no *Tribunal de Júri*, absolvendo o réu e apresentando um profundo conhecimento do *Código Penal*, além de possuir forte poder de argumentação.

O que evidencia a dificuldade para atuar na profissão, não era só conseguir concluir o ensino superior. Ana Justina Ferreira Néri (1814-1880), foi a pioneira da enfermagem no Brasil. Acompanhou seus filhos, soldados na *Guerra do Paraguai*, como voluntária em 1865, sendo posteriormente contratada pelo presidente da província como enfermeira para servir com as tropas no *Paraguai*. Foi a primeira brasileira a ser reconhecida como heroína e ter seu nome inscrito no livro dos heróis nacionais, depositado no *Panteão da Pátria Tancredo Neves*, em Brasília-DF.

Maria José de Castro Rebelo Mendes (1891-1936) foi a primeira mulher a ingressar no *Itamaraty*, a nordestina teve sua inscrição para o concurso recusada e precisou lutar judicialmente pelo seu direito de concorrer.

Em 1918, recebeu o resultado da aprovação, classificando-se em primeiro lugar. Eugênia Álvaro Moreyra (1898-1948), foi a primeira repórter mulher do País, tendo sua primeira reportagem publicada na primeira página no *Jornal Última Hora*. Em 1920, participou ativamente do movimento feminista, na campanha em prol do sufrágio feminino, assim como do movimento modernista.

METODOLOGIA

O trabalho teve por escopo a revisão bibliográfica do assunto, compreendendo que a história do desenvolvimento humano caminha entre um passado meticoloso, que precisa ser decifrado, compreendido e interpretado.

Desta forma, conclui, Le Goff (2003), com estas transformações foi possível ampliar os aspectos metodológico dos estudos históricos além de abordar a pesquisa no seu aspecto coletivo.

Gaffkin (2011), neste mesmo sentido, assevera que a história pode ser considerada como uma narrativa, mas, não se pode negar a importância de que estas informações estejam alicerçadas em fontes fidedignas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com os dados da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO, 2017), sessenta e dois milhões de meninas, ainda, não têm acesso à educação e essa é uma realidade que tem suas raízes na história da educação feminina.

Segundo os dados do (IBGE, 2020), as mulheres brasileiras são mais instruídas que os homens, e com maior escolaridade, mas ainda recebem salários menores. Na pesquisa, sobre o perfil das profissões, fica evidente que existe ainda uma predominância das mulheres em alguns cursos como: serviço social (88,3%), saúde, excluindo medicina, (77,3%), ciências sociais e comportamentais (70,4%), educação (65,6%), Computação, Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) (21,6%) e Engenharia (13,3%).

As mulheres buscam profissões nas áreas de cuidado, e poucas buscam atuar nas áreas das ciências exatas, o que evidencia, ainda um processo histórico no acesso e na atuação da mulher em certas áreas do conhecimento.

Outro ponto importante e que, a maior instrução em nível superior não se traduz em maioria entre os docentes universitários, pois, as mulheres eram cerca de (46,8%) dos docentes no país e o avanço em décadas é muito lento. Metade da população brasileira e composta por mulheres, mas elas ainda são a minoria em cargos públicos e gerenciais. E proporcionalmente exercendo as mesmas funções, recebem salários mais baixos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que podemos concluir neste estudo, e que os fatores históricos nos auxiliam a compreender o porquê o acesso das mulheres à educação pelo mundo ainda não é uma realidade. E que, no Brasil apesar dos avanços, no campo educativo com o acesso das mulheres à educação, elas ainda precisam avançar em outras áreas do conhecimento, como nas áreas de Exatas e Tecnologias. E que as mulheres ainda precisam lutar para se estabelecer na profissão, para obter a garantia de iguais salários. Desta forma, consagramos a máxima de que ainda resta muitas lutas para as mulheres.

REFERÊNCIAS

- ARANHA, M. L. de A. **História da educação e da pedagogia: geral e Brasil**. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Moderna, 2006.
- ARANTES, E. M. M. Arquivo e Memória sobre a Roda dos Expostos do Rio de Janeiro. **Pesquisas e práticas psicossociais**. v.5. n.1. São João del-Rei/MG, janeiro/julho, 2010.
- ARISTÓTELES. **Política**. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BELTRÃO, K. I.; ALVES, J. E. D. A reversão do Hiato de Gênero na educação brasileira no século XX. **Cadernos de Pesquisa**, v. 39, n. 136, p. 125-156, jan./abr. 2009.
- BEZERRA, N. Mulher e Universidade: a longa e difícil luta contra a invisibilidade. Conferência Internacional sobre os Sete Saberes, 2010, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: UECE, 2010. p. 1-8.
- BRASIL. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)**. Estatísticas de gênero. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso: agosto de 2020.
- BRASIL. Portal. **Mulheres são maioria em universidades e cursos de qualificação**, 2016. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2016/03/mulheres-saomaioria-em-universidades-e-cursos-de-qualificacao>. Acesso em: 16 jan. 2017.
- LE GOFF, J. **História e memória**: Editora da Unicamp, Campinas, 2003.
- MULHERES PIONEIRASELAS FIZERAM HISTÓRIA. Câmara dos Deputados. Secretaria de Comunicação Social Centro Cultural Câmara dos Deputados (2018). Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/a-camara/visiteacamara/cultura-na-camara/arquivos/mulheres-pioneiras-elas-fizeram-historia>. Acessado em 02 de agosto de 2021.
- PLATÃO, **A República**, Introdução, tradução e notas de Maria Helena da Rocha Pereira, 9.ª ed., Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

RIBEIRO, A. I. M. Mulheres educadas na Colônia. In: LOPES, E. M. T.; FARIA FILHO, L. M.; VEIGA, C. G. (Org.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p.79-94

UNESCO. **Unesco divulga Relatório de Monitoramento Global da Educação de 2017-2018**. Disponível em: <https://undime.org.br/noticia/26-10-2017-15-12-unesco-divulga-relatorio-de-monitoramento-global-da-educacao-de-2017-2018>. Acessado em 02 de agosto de 2021.